

O Recreador Mineiro.

PERIÓDICO LITTERARIO.

TOMO 4.º

1.º DE AGOSTO DE 1846.

N. 39.º

TRATADO FAMILIAR

SÔBRE A HISTORIA NATURAL E CULTIVAÇÃO

DO

BICHO DA SEDA.

(*PHALENA BOMBYX MORI*)

COMPILADO DE OBRAS

DE DIVERSOS AUTORES ESTRANGEIROS,

OFFERECIDO A' ATENÇÃO DO PUBLICO

DE MINAS GERAES,

E DEDICADO AO

EX.º SR. D. ANTONIO FERREIRA VIGES

BISPO DE MARIANNA

SEU TRÁDUCTOR E COMPILADOR

JOÃO MORGAN.



DEDICATORIA



Exm.º Rm. Sr.

Subministrando-me as occurrencias do anno de 1842 vagas, e dilatadas horas; sendo inimigo do ocio por educaçãõ, e genio; possuindo huma bibliotheca de obras interessantes e instructivas, lembrei-me de aproveitar esse tempo de forçoso descanso na compilaçãõ de algumas pequenas memorias sobre diversos ramos de industria aqui pouco, e imperfeitamente conhecidos, e que me parecerãõ dignos da attençãõ do publico, e mui applicaveis às precisões do paiz.

As minhas numerosas occupações depois da pacificaçãõ da Provincia de Minas até ao meado do anno corrente, não me deo lugar a rever o meu trabalho, nem a pol-o em forma comprehensivel.

Despertado porém pela lamentavel, e continua exaltaçãõ, e pelo não menos funesto rancor dos partidos politicos, a nenhum dos quaes pertenco, meditei sobre alguns meios que divertissem a attençãõ publica da odiosa, e improficua vereda da politica, que infelizmente se tem apoderado de quasi todos os animos; e chamando esta mesma attençãõ para objectos de mais seguro proveito, e conveniencia real, afoute-me a dar ao prelo hum ensaio de minhas fadigas.

Reconheço a tenuidade do trabalho; conseio porém das boas intenções que o motivaraõ, e com a lisongeira esperança de vê-lo favoravelmente acolhido, não obstante seus defeitos, tomo a liberdade de dedica-lo a V Exe Rm., cujo patriotismo, e claras virtudes o tornaõ taõ digno da affeiçãõ, e acatamento do Povo Mineiro

Queira pois V. Exe Rm. dignar-se por sua nimia bondade tomar este ensaio debaixo da egide de sua valiosa protecçãõ

Deos guarde a V Exe Rm. por dilatados annos; o que sinceramente roga, e deseja quem tem a distincta honra de subscrever-se com o mais profundo respeito, consideraçãõ, e acatamento

De V Exe. Rm.

o mais attencioso venerador e menor criadõ

Caethé, Novembro—1844.

O Compilador e Traductor

João Morgaõ

INTRODUÇÃO,

SENDO infelizmente notorio que o producto do ouro nesta provincia de Minas tem senivel, e annualmente mingoadò por motivo das difficuldades sempre crescentes, que vão obtando a extracção deste precioso metal, como sejiò com especialidade a falta de novas descobertas a encravação, e abandono de muitas lavras por longos tempos diffusamente productivas; o subido preço de escravos e o estalo desgraçado do maior numero dos proprietarios das lavras conhecidas; bastante razão ha para recocar a lesta sim, mas nem por isso menos infallivel extincção desta antiga fonte da riqueza, e prosperidade de nossos maiores; e as pessoas sensatas e amantes do paiz não poderão deixar de antolhar hum futuro senão triste, e desgraçado. ao menos bastante incerto para a provincia, a não se lançar seriamente as precisas vistas sobre outros meios industriaes para se supprir o vacuo, que inevitavelmente se ha-de sentir pela diminuição de tao importante commercio; por quanto a nos a posição central, e longinqua dos portos do mar prohibe-nos nutrir esperanças de podermos em qualquer época, e sem huma não provavel mudança de circumstancias, rivalizar nos grandes mercados de beira-mar com os actuaes productos de nossa industria agricola como v. g. o assucar, aguardente, café etc., bem como os subidos carretos, e outras despezas inherentes aos productos das provincias maritimas, que com despeza comparativamente pequena se transportão a esses mercados; torna-se portanto necessaria a introdução nesta provincia de novos ramos de cultura para assegurar sua subsequente prosperidade.

Nossas importações da capital do Imperio sobem annualment a quantias mui avultadas; a maior parte dos nossos productos tem pouco valor em proporção a seu peso e volume e estão no caso acima indicado; daqui se segue estarmos continuamente em debito de muitos mil contos de reis á praça do Rio de Janeiro por

não termos generos d' exportação com sufficiencia para saldarmos as nossas contas, e podermos tratar com os negociantes dessa capital sobre huma base de reciprocidade; de que resulta comprar tudo mui caro pela incerteza que acompanha a liquidação dos negocios na provincia, e por consequencia as devidas remessas para o Rio das importancias das facturas. Este estado de cousas não pôde nem deve durar, por não ser compativel com a honra, nem com o brio dos mineiros continuar a proverem-se na capital daquelles generos estrangeiros, de que necessitam, sem haver certeza, ou pelo menos huma bem fundada esperança de commerciar com aquella praça em hum tal pé de reciprocidade; e com effeito a não despertarmos da nossa lethargia, e a não cuidarmos seriamente nos meios de conseguir a prosperidade da provincia pelo acrescimo da industria agricola, e fabril, em vez de dirigirmos todos os nossos pensamentos, e dedicarmos o nosso tão precioso tempo á politica, deixaremos a nossos vindouros o funesto legado da pobreza e da miseria.

Nestes termos é da ultima urgencia o encetar-se novas empresas industriaes na provincia, que possam vir a ser proficuas, e a preencher com o tempo o vazio, a que alludimos; e para que com independencia e vantagem real possamos continuar as nossas relações mercantis com o Rio de Janeiro, escolhendo se para tão desejado fim a cultura de generos, que apresentem valores comparativamente subidos, e que melhor possam soffrer as despezas de transito para fóra da provincia do que aquelles que actualmente nella se produzem, os quaes com mui poucas excepções não preenchem, nem poderão preencher jamais o vacuo de que somos ameaçados.

A preciação em que se insiste é talvez mais urgente do que muitos poderão imaginar, e é da maior importancia para a prosperidade actual e futura da provincia.

Chama-se por tanto a seria attenção do povo mineiro a este Tratado familiar, composto de tres memorias sobre outros tantos generos mui adaptados á nossa cultura, a saber; anil, cochonilha, e seda; porisso

que qualquer delles dá lugar a ser promptamente empregado, e proseguido pelos fazendeiros abastados e por todas as classes de individuos, que possuem hum quital, por pequeno que seja; pois que cada hum segundo as suas forças pôde sem empreg de fundos obter maior ou menor porção pelo menos do 2.º e 3.º dos generos mencionados; valend se dos serviços ainda mesmo de mulheres e crianças, provendo assim sem muita difficuldade seu proprio sustento e o de sua familia, como tambem contribuindo para a prosperidade e augmento da Provincia em geral visto que todos os precitados generos reñem as desejadas qualidades de pezo e volume comparativamente pequeno em proporção de seus valores, proprios para a troca no Rio de Janeiro contra as fazendas, e outros generos que dalli nos chegão, por serem de prompta sahida em todos os mercados principaes do mundo, pelo enorme consumo que delles se faz nas fabricas da Europa e especialmente na Inglaterra, França e Alemanha.

Oxalá que este appello para o bom senso, para o patriotismo e até para os proprios interesses do Povo Mineiro de todas as classes, tenha o desejado effeito de acordar do estado lethargico em que se acha cahido por huma maneira tão fatal e incomprehensivel e que do mesmo appello possa resultar á Provincia os inalliveis beneficios, que propomos pela activa e perseverante cultura de tão importantes objectos de industria que tem enriquecido, e contiuaão a enriquecer outros muitos povos menos dotados pela natureza com as optimas vantagens, que o Brazil possui em maximo grão

E' este o voto ardente do compilador destas paginas, e que por mui feliz se dará em ser com o soccorro da Providencia o humilde instrumento eleito para promover tal grão de actividade e perseverança na admissãõ destes novos recursos de industria na Provincia de Minas que a possão tornar florescente e prospera a ponto de poder dar novos generos de valor em troca das suas importações, e reservar o metal precioso, extrahido do seu proprio seio, para o gyro interno de sua população.

TRACTADO FAMILIAR DO BICHO DA SEDA.

“ Quanto mais investigamos os objectos da criação, tanto mais somos
 “ impellido a contemplar em grave pensamento o illimitado poder, sa-
 “ bedoria, beneficencia e sublime magestade de seu Divino Autor. ”



DA maior admiração que geralmente pouco se saiba a respeito da his-
 to-ria natural, e da cultura de um insecto tão útil ao genero humano, qual o
 Bicho da Seda, e que apezar de se empregarem milhares de pessoas na sur-
 perficie do globo em cria-lo, se desconheça inteiramente os meios adequados para
 converter estes pequenos animaes em nosso proveito, ou augmentar os conhe-
 eimentos da sua historia natural, e mui especialmente a sua posição zoologica
 em hum ponto de vista scientifico. Este objecto digno da maior attenção nos
 indúz a esperar que as observações, e factos, que compilamos, verificados por
 diversos autores e naturalistas praticos das nações mais illustradas, conseguirão
 o intento de chamarmos o voto popular sobre hum ramo de industria, que muito
 pode influir na sua futura prosperidade.

CLASSIFICAÇÃO DO INSECTO.

O Bicho da Seda, ou *Bombyx Mori*, pertence ao genero dos insectos *Lepi-*
pidopteros, ou para melhor dizer a huma das subdivisões do *Phalœna*, ge-
 nero extenso em que Linneo comprehende todos os insectos de huma classe,
 que diversifica dos verdadeiros *Lepidopteros* ou Borboletas. Fabricius na sua
Entomologia Systematica admite o *Bombyx Mori* como hum genero particu-
 lar, applicando-lhe o termo *Phalœna* como generico áquella especie de borbo-
 leta, que tem as antenas cylindricas a lingua avançada e membranosa, e
 as farpas emplumadas. A melhor classificação deste util insecto parece ser a
 do dr Leach, e é a seguinte :

CLASSE — *Insecta*.

SUBCLASSE — *Mutabilia* (que se transformão):

ORDEM — *Lepidopteros* Esta ordem no systema de Linneo significa insectos
 com 4 azas, cobertas de pennugem lingua spiral,
 e corpo cabelludo. Esta ordem comprehende 3 generos,
Papilio; *Phalœna*, e *Sphinge*.

GENERO — *Phalœna* Borboletas, que segundo Linneo contem 10 divisões,
 ou subgeneros com mais de 1500 especies.

CASTA — *Bombycida* Caracteres genericos: segundo Stephens formão a 4.^a
 familia, que elle denomina *Lepidoptera Pomeriana*, e é ca-
 racterisada pelas farpas em forma de duas plumas, ou pentes:

FAMILIA — *Bombyx*.

ESPECIE — *Mori* Assim chamada da natureza do *Morus*, ou amoreira
 de cujas folhas se nutre.

ORIGEM DO BOMBYX MORI, OU BICHO DA SEDA.

Alguns naturalistas julgão que o Bicho da Seda teve a sua origem no sexto
 dia da criação do mundo dia em que Deos creou todos os insectos, ani-
 maes quadrupedes, e reptis terrestres, como nos informa o sagrado *Historico*

quando observa: E Deus disse — produza a terra toda a creatura vivente segundo a sua especie; e assim foi.

Porem não consta claramente que os antediluvianos, excepto a familia de Noé, descobrissem as qualidades proveitosas deste insecto, isto é a maneira com que tece a sua habitação temporaria, nem a grande utilidade della relativa ao genero humano. Não se sabe com certeza em que tempo depois do diluvio geral, ou porque nação fo-se feita a primeira, e tao importante descoberta. Alguns escriptores attribuem-na ao patriarcha Noé e affirmão que elle comecçára a propagar estes insectos no paiz de Séria, nome, que os antigos davão á parte da Asia, que hoje tem o nome de China, onde se pretende que elle fora estabelecer-se depois de desaparecerem as aguas da inundação universal da terra; e alguns pensão que a cultura do insecto fora introduzida naquelle paiz pelo seu primeiro rei Fo-hi. Outros dizem que o conhecimento e propagação do bicho fora contemporaneamente communicado aos Persas pelos filhos de Noé.

Seja como for, o certo é que essas duas nações, os Tartaros antepassados dos Chinas, e os Persas possuíam em tempos remotissimos o conhecimento e o monopolio da seda, e forão os primeiros povos propagadores do bicho para objectos de utilidade; e erão elles somente os que tirarão immenso proveito da cultura do insecto, e dos tecidos de seda por muitos seculos antes de se propagar o dito insecto por qualquer outra nação. Só depois da conquista da Persia por Alexandre, 300 annos antes de Christo é que foi transportado o insecto para a Grecia, e por consequencia ha 2145 annos que na Europa se obteve algum pequeno conhecimento da origem da seda; e d'esse mesmo pouco aproveitou hum povo mais dedicado á guerra do que á industria.

Os antigos povos da Europa pouca, ou nenhuma idéa tinham do uso, ou do fabrico da seda, que elles julgavão ser producção de huma especie de aranha, a que chamavão Ser (segundo Ptolomeo) de Seres, povo da Scythia, que entendemos ser os Tartaros, os quaes invadirão; e se apoderarão da China, propagadores do insecto; e por isso davão á seda o nome de Séricum.

Porem o Ser dos antigos tem mui pouca affinidade com o nosso Bombyx Mori; porque affirma-se que aquelle vivia 5 annos, em quanto que este apenas existe o mesmo numero de semanas, e tece hum saquinho, ou bola amarellada, que dobrando-se, dá o que chamamos seda.

INVENÇÃO DO FABRICO DA SEDA NA EUROPA.

Foi em Cós, hoje Stanchio, pequena ilha do archipelago grego pouco distante da costa da Asia Menor no Mediterraneo, que se introduziu a arte de fazer tecidos de seda; e attribue-se a Pamphila, filha de Plotis, a honra dessa introdução. Esta descoberta não ficou por muito tempo ignota aos Romanos, que mandarão vir porções de seda do Oriente, onde existião os insectos; porem longe de se aproveitarem da descoberta, não quizerão capacitar-se que huns fios tão delicados, e ao mesmo tempo tão fortes podessem ser obra de hum bichinho; e contentarão-se em formar mil conjecturas chimericas, de sorte que por muitos seculos a seda continuou a ser hum artigo mui raro, e do mais subido luxo entre elles; tanto assim que até se vendia pezo por pezo a troco de ouro, e Vospiseus nos diz que o imperador Aureliano, fallecido em 275 da era christã, negou á imperatriz sua consorte hum vestido de seda, que ella com muita instancia lhe pedira, por causa

da grande despeza, que teria de fazer. Alguns outros autores dizem porem que já no reinado de Tiberio, 250 annos anterior ao de Aureliano, se usava da seda. Virgilio, e Horacio foram os primeiros escriptores românos, que fizeram menção deste tecido. O celebre medico Galeno, natural da Grecia, e que vivia no anno de 175, falla da grande escassez da seda, e diz, que naquelle tempo não era possível achá-la se não em Roma, e entre pessoas mui opulentas. Dizem que o imperador Heliogabalo fallecido no anno 220, fora o primeiro que apparecera em Roma com hum manto todo de seda.

Quando Alexandre Magno introduziu a seda nos seus vastos dominios, o fabrico della limitava-se a Berytus; hoje Beyrut, e Tyro, hoje Sour na Phenicia hoje Palestina, ou Terra Santa; donde se estendeu mui lentamente aos paizes occidentaes. Por muitos seculos os Persas continuarão a restringir o fabrico das sedas ao seu proprio paiz, prohibindo sob pena de morte a exportação dos bichos, e especialmente a imigração de qualquer pessoa pratica no manejo delles, e cultura da seda. A consequencia deste segredo foi a supposição de muitos Europeos que a seda crescia em certas arvores, e arbustos, como o algodão etc.

PRIMEIRA INTRODUÇÃO DO BICHO DA SEDA NA EUROPA

Do que se tem referido pode se formar huma idéa do longo estado de ignorancia dos Europeos relativa á producção da seda, que com effeito continuou até ao reinado do imperador Justiniano, 527 annos depois do nascimento de Christo. Este monarcha, vendo sahir quantias mui avultadas de ouro e prata de seus dominios para a compra de sedas, e julgando mui oneroso que os seus subditos houvessem de pagarlas tão caro; tentou pôr fim a semelhante monopolio, e procurou por meio de seu alliado, o monarcha christão da Abyssinia, obter huma porção dos ovos, ou sementes dos bichos do paiz dos Persas. Esta tentativa porém ficou malograda; com tudo, quando elle menos esperava, hum successo imprevisito fez com que em parte pudesse conseguir os seus disignios. Dous monges, segundo diz Cosenas, empregados nas missões de diversas partes do Oriente, havião penetrado até o paiz dos Séres, onde puderão observar os trabalhos dos bichos da seda; e adquirir pleno conhecimento da arte de fazer os tecidos, e das machinas naquelle tempo usadas para o fabrico da seda crúa. Movidos, ou pela esperanza de serem bem premiados, ou por espirito de patriotismo, apresentarão-se em Bysantium, hoje Constantinopla, onde se achava o imperador, e explicarão-lhe a verdadeira origem da seda, como tambem os diversos processos de a preparar, dobrar, e fabricar, mysterios até essa epoca desconhecidos no Occidente; e induzidos pelas promessas liberaes do soberano, encarregarão-se de levar á capital hum sufficiente numero desses maravilhosos insectos, a cujos trabalhos o homem tanto deve. Não tendo sido possível transportar-se o bicho, os dous missionarios lembrárão-se de supprir essa falta com os ovos do dito bicho, e conseguirão introduzir na côrte de Justiniano huma quantidade desta seemente em taquaras, que para não causar suspeita servirão-se dellas como bordões de peregrinos. Os ovos foram chocados por meio de calor artificial, os vermes que delles nascerão, foram nutridos com folhas de amoreira, trabalhando, e multiplicando com elles nos climas donde havião sido transportados.

(Continuar-se-ha.)

FOLHETIM

O PROFETA DE S. PAULO

(Continuação do numero antecedente)

Poucos dias depois, effectuou-se a sua entrada solemne em Pariz, onde grandes preparativos haviam sido feitos para a recepção. D'esta vez, o regosijo publico excedeo o brilhantismo das festas. As ruas estavam atulhadas de huma multidão impaciente de vê-la, pois que se sabia que ella era formosa, e o seu consorcio era considerado como hum afluencia de prosperidade para os dous reinos. A nobreza, que presurosa viera formar-se em torno d'ella, nada tinha despresado para realçar a belleza de seu sequito. Os habitantes de todas as classes tambem tinham esgotado tudo o que lhes offerecia o luxo e a galanteria d'essa epocha, para enfeitarem a fachada das casas nas ruas por onde ella devia transitar.

«Ella estava, dizem as chronicas, vestida com magnificencia; trazia hum ma corôa de grossas perolâs que cascava maravilhosamente com a alvura de suas carnes. Seu pescoço, seu peito radiavão de joias. Huma estofa branca bordada de ouro cobria, pendendo até o chão, huma elevada carruagem em que ella vinha sentada. A seu lado via-se o duque de Valois, vestido de ouro e prata, com hum manto de veludo carmezim, recamado de perolas e de esmeraldas. Montava hum fogoso cavallo que goveruava com summa graça e particularidade, pois era o primeiro picador do reino; e pôde-se crer que elle não deixou, n'essa occasião, de mostrar á rainha o que sabia fazer.»

Entretanto que com sorrisos correspondia ás acclamações com que o

saudavão á sua passagem, ouviu mais de huma vez o seu nome unido ao da rainha nos transportes da admiração publica. Ao vê-los ambos, não havia ninguem que os não julgasse felizes de sua excelsa condição e do amor que inspiravão: mas a pompa das côrtes esconde muitas vezes a miseria dos principes; nem sempre os setos sorrisos são a expressão da felicidade. Maria via n'esta festividade a consummação do sacrificio de suas mais charas affeições, e n'esta dôr vinhão unir-se receios sobre as difficuldades de sua posição principalmente depois da sua entrevista com o delfim. Este, de seu lado, não podia olvidar a humilhação que soffrêra diante de Suffolk, e era-lhe mui difficil compartilha o entusiasmo publico por hum successo que podia vir a custar-lhe a corôa.

Este entusiasmo do povo se patenteava de mil modos: defronte das portas das principaes casas vião-se quadros emblematicos em que o rei e a rainha erão representados sob fórmas as mais extravagantes. O rei, a quem suas enfermidades tolhião o fazer parte do cortejo, figurava, ora como Baccho, ora como o velho rei Salomão; e sem consideração differença de paiz e de crenças, os Santos dançavão dando a mão a satyros. Maria estava personificada sob a figura de Ceres ou da rainha Sheba, posto que a delicadesa de suas feições e suas graças quasi infantis pouco ou nada condessessem com a maneira por que de ordinario são representadas a rainha judia e a boa deosa. Quanto ao pobre Luiz, extenuado pelo padecimento, difficultoso era dizer se elle estava mais proprio a dar huma idéa do gathoteiro Baccho do que do presente monarcha esposo de setecenas mulheres e amante affortunado.

de trezentas concubinas.

A mais feliz personificação de Maria era a de Venus surgindo do seio do mar, por allusão ao seu nascimento em Lemna ilha. Como teria sido pouco reverente pintal-a em toda a pureza de seu traço mythologico, humna em taie concha, collocada por detraz, abertavaria das vistas indiscretas. Enquanto que pela frente era resguardada por hum longo vestido de brocado. Por baixo de cada quadro havia humma inscripção que explicava a allegoria; porém como quasi sempre era em latim, o quadro e a inscripção são pa a a mor parte dos espectadores hum duplo enigma, e hum duplo assumpto de admiração.

No dia immediato ao da entrada da rainha, deu-se hum magnifico torneio, no qual devia figurar a flôr da nobreza de França e de Inglaterra, bem como varios illustres estrangeiros que a nova d'esta solemnidade havia attribuido de diversas partes da Europa. Este dia era aguardado com viva impaciencia pelos nobres autores d'esta parada cavalheiresca; mas nenhum dava tantas mostras de ardor como o joven Francisco. Elle era considerado como o mais rijo justador do seu tempo, e estava impaciente de rebaixar o orgulho de Suffolk, a quem havia abertamente desafiado; mas, como o premio da carreira nem sempre toca ao mais agil, nem o da peleja ao mais valente, succedeu que, logo no primeiro tiroteio que sóc preceder as justas, elle recebesse na mão humma violenta pancada que o impossibilitou de aguentar a lança. A este accidente veio unir-se a mortificação de ver que nenhum dos cavalleiros do torneio igualava Suffolk em renome nem em gallardia.

Francisco, posto assim fóra de combate, tomou assento entre os espe-

ctadores, ao lado da rainha; n'hum estrado elevado, enquanto que o rei estava sentado, ou, para melhor dizer deitado n'hum sofá collocado a seus pés.

Quando Suffolk, vencedor de todos os seus rivales, se apresentou para receber o premio do torneio das mãos d'aquella cajo suffragio lhe era tão precioso, o delíu o tocou com o braço enfermo e lhe disse baixinho:

— Estou illudido em minha vingança mas nós nos encontraremos mais tarde.

Suffolk inclinouse profundamente e se retirou.

Entre os contendores que provarão a coragem e a destreza de Suffolk, distingio se hum cavalleiro des conhecido de estatura colossal e de prodigiosa força. Os chronistas inglezes, inspirados sem duvida por hum sentimento mal dissimulado de ciuume nacional, attribuem à descaida de do delíu a introducção d'essa mysteriosa personagem que muito tempo disputou a victoria a Suffolk. A reputação de valentia do príncipe francez está muito bem firmada, para que nos seja mister defendêl o contra til impugnação. O que a ella pôde dar lugar foi o não ter o cavalleiro desconhecido levantado a viseira e ter-se negado a dizer seu nome. Como quer que seja, durante o tempo todo da luta, que foi bastante longo e renhido, Francisco se conservou constantemente de pé ao lado da rainha; e no entanto que parecia exclusivamente attento a examinar a peleja, com essa serenidade e essa orgulhosa approvação de hum superior sagaz que aplaude os successos de hum inferior lançava de quando em quando hum olhar obliquo sobre Maria, e, como homem acostumado a ajuizar do coração das mulheres pelos meneres indicios, soube logo de

que maneira interpretar a sua palidez, o tremor de seus labios e os movimentos irregulares de sua respiração, que indicavão seus receios ou suas esperanças em todo o tempo que durou o combate.

No intervallo que mediou entre esta primeira justa, enquanto Suffolk se tinha tornado o objecto da geral conversação o caturra da corte, escaudalado sem duvida de que ninguém fizesse caso d'elle, trepou a humma especie de amphitheatro destinado aos arbitros do campo e, apontando para o sofá onde o rei, cansado da dilação do torneiro, jazia estirado ao comprido, clamou com voz forte: —

«Aqui repousa, senhores e senhoras, o bom rei Luiz o pai do povo! A's palavras *pai do povo*, vivas e applausos romperão de todas as partes. O caturra repetiu segunda vez o *pai do povo*, e as mesmas demonstrações de enthusiasmo o interromperão de novo. «O *pai do povo*, repetiu elle pela terceira vez, e o avô de sua mulher! Hum mormurio surdo, risos suffocados, enfim explosão geral de hilaridade seguirão esta bobice, e o rei pôde ver quão acertada havia sido a observação do caturra.

— Vós os estaes ouvindo, disse elle a Longueville com voz commovida; e he por esta multidão leviana inconstante, he por seus interesses que me são mais claros do que os meus que sacrifiquei os meus gostos a minha felicidade, talvez... e a d'esta bella e interessante victimá! accrescentou lançando hum olhar sobre a rainha.

Depois, como para expellir este doloroso pensamento mandou que se continuassem os jogos; mas suas forças o trahirão, e, não podendo mais resistir aos tormentos que sup-

portava retirou se para entrar no seu leito de morte, onde expirou no 1.º de janeiro de 1715 dois mezes depois d'estas fúnebres nunciaas. Maria não podia sentir grande dor da perda de hum esposo de quem não tinha sido mais que a enfermeira; luctimou com tudo a morte do homem bom e generoso, do monarcha adorado do povo cuji felicidade se applicara constantemente a promover. Entrevia com inquietação o seu porvir e a mulher que esta morte devia trazer á sua situação: até mesmo não podia, sem vivos saustos, pensar em sua volta para Inglaterra, convencidissima de que seu irmão não tardaria a sacrificar a segunda vez aos interesses de sua politica. Quanto ao momento presente via-se, por assim dizer, em poder do successor de seu esposo, cujo orgulho ella havia profundamente offendido e que devia inspirar-lhe pouca confiança.

No mesmo dia em que subira ao throno, o delfim, cutão Francisco I.º, lhe mandára pedir humma conferencia particular; e como ella a recusava suspeitando muito bem o motivo coustou lhe que elle dissera com não humnor: «Ella não conhece os seus interesses. Ha de arrepende-se.» Devorada de desasosego e cansada da longa reclusão a que se condemnira durante o prencito periodo da sua viuvez, tomou humma resolução sabitanea que lhe dictou ao mesmo tempo o seu amor e a lembrança dos males que havia soffrido. Mandou entregar a Suffolk humma carta em que lhe offerencia a sua mão, accrescentando que era necessario que hum matrimonio secreto os reunisse dentro em quatro dias, ou que elle renunciasse para sempre a esta união.

Concebe-se com que transportes de alegria esta proposição foi recebida

por hum amante que desde muito tempo tinha perdido toda a esperanza. Apresentou-se logo huma grande difficuldade: foi a de se achar hum padre. O capellão da rainha, homem de corte e totalmente dedicado á fortuna de Wolsey ministro favorito de Henrique VIII, era de certo a ultima pessoa em quem se podia depositar confiança. Hum ecclesiastico francez não devia ter menos receio de prestar seu apoio a hum união que, quando viesse a se divulgar, o exporia ao resentimento do seu novo soberano. N'esse tempo existia, em hum convento de Dominicanos, hum monge italiano que tinha adquirido grande popularidade por suas predicas e pelo zelo com que se oppunha ás novas doutrinas que começavão a agitar os espiritos. Como elle não devia obediencia nem ao rei de França nem ao de Inglaterra, Maria julgou poder recorrer a elle; e, depois de o haver alluciado com o engodo de brilhante recompensa, concordarão em que a benção seria dada n'huma capella do seu convento, ás duas horas depois de meia noite.

A'hora aprasada, Maria acompanhada tão somente por seu pagem, se evadiu secretamente de palacio por huma porta do jardim, e ahi foi recebida por Suffolk.

Era em huma fria noite do fim do inverno. O vento sibilava nas estreitas ruas de Pariz, e a neve que começava a cahir em frócos, se revolvia em turbillhões, carreada pela tempestade, em quanto que essa bella descendente de huma longa serie de reis, irmã de hum poderoso monarcha, cuja mão tinha sido sollicitada por tantos principes, dava huma prova tão admiravel do poder do amor, expõe-se assim á inclemên-

cia de huma noite procellosa e marchando com passo curtivo pela obscuridade no centro d'esta capital, onde poucos mezes antes havia sido levada em triumpho.

Chegados á capella, os dous amantes foram collocados cada hum a hum lado de hum altar erigido no interior. Huma alampada sustentada pelo joven pagem dissipava apenas a obscuridade. O officio estava já principiado; a abobada retumbava sonora com a voz grave do monge, quando se ouviu ao longe o ruido dos tropeis de cavallos. A voz do monge, que tinha dominado este ruido, foi se pouco a pouco enfraquecendo, e, apezar da santidade do seu ministerio que lhe não permitia interromper a cerimonia, o pavor chegou por fim a tolher-lhe quasi inteiramente a falla.

Os cavalleiros cercarão a capella, e o clarão de huma centena de archotes brilhando atravez das vidracas veio immediatamente allumiar a cara das personagens d'esta scena. O monge estava pallido e tremulo. As feições de Suffolk annunciavão impaciencia e resolução. Maria pareceu a principio não estar preocupada se não da sorte de seu amante, cuja ruina ella mesma causara: erguendo depois os olhos para o céu, como para lhe pedir a força de supportar sua desgraça, seu rosto tomou a apparencia de doce resignação.

No momento em que os cavalleiros fizeram alto, do seio da multidão que os rodeava partirão brados de viva o rei! A estes brados succedeu o som de huma voz bem conhecida, que fez estremecer Maria e Suffolk.

— Affastai-vos, meu amigos, disse aquella voz. Espero que me haveis de permittir que vá só ao conficionario,

Dirigindo-se depois a thum official da guarda escocesa, a mesma voz acrescentou :

— Tonde a bondade de mandar que se retirem estes amigos tão offiçiosos. Não preciso de testemunhas para o que aqui venho fazer.

Abriu-se logo a porta da capella e humna pessoa se adiantou sozinha no meio da escuridão. Logo que chegou ao pé do altar, o monge scallou repentinamente; e Francisco dirigindo-se as duas outras personagens lhes disse :

— Não vos havia eu annunciando que chegaria a minha vez? Ainda que tenhais julgado escapar me escolhendo esta hora, bem vedes que hum novo rei sabe e ouve tudo.

Pois que! senhora, não podicis esperar, como era dever vosso, saber qual a minha vontade e a de vossa irmã? Ides lelas ambas. Allumia a tua ama pagem de desgraça, acrescentou elle dando a Maria dos seus papeis que sua agitação a impossibilitou de ler logo.

Hum era humna carta de Francisco a Henrique VIII, na qual lhe instava vivamente que annuísse á união de Maria com Suffolk. O outro era o consentimento de Henrique, outorgado sem duvida ao desejo que o animava de ganhar a amizade de hum joven rei a quem presava com particularidade, e cujo character, dizia elle se assemelhava ao seu.

Quanto á felicidade de sua irmã, era essa a conta em que menos elle havia pensado.

— Devo acreditar meus olhos? exclamou Maria. Como podestes conseguir.

— Tudo he possível, replicou Francisco, áquelle cujo principal desvelo foi sempre assegurar a felicidade do vosso sexo. Quando não tem a ventura de poder fazel a em pessoa,

folga de encontrar alguém que satisfaza esse empenho tão dignamente como o senhor duque.

Suffolk quiz lançar se nos pés do rei; mas este o deteve dizendo-lhe:

— He só ante Deos que aqui se debra o joelho. Deixai que o reverendo padre finalise. Deveis ter pressa que tudo se conclua. Por mim, vivi Deos! preferiria no vosso lugar casar me esta noite, com risco de minha vida, do que com toda a segurança se para isso fosse preciso esperar hum só dia.

O monge restabelecido de seu susto, terminou a cerimonia; depois, enquanto o rei lhe fallava para acabar de o tranquilisar Maria disse a Suffolk:

— Assim, eis realisado o meu horoscopo:

Recebes um consorte já sem vida;

Tambem não doira amor momentos teus;

Mais venturosa, enfim, talvez um dia

Seja a mão de um vassallo unida á tua.

Eu ja vos tinha feito sciente da predicção do propheta de São Paulo; não vos inaravilheis de aver tambem justificada.

— Menos do que ninguém, querida Maria, respondeu Suffolk.

— E porque? perguntou ella.

— Como me atreverei a dizer-vol-o? Constára-me que o ouro era o idolo do propheta, e eu tinha conseguido d'elle que me deixasse occupar o seu lugar.

— E ousastes fallar da vespera de São João? disse Maria sorrindo-se, muito feliz então de poder testemunhar verdadeiro resentimento.

— Dõe-me dentro d'alma o emprego que fiz de humna astucia tão atrevida, lhe respondeu Suffolk, e menos ainda sei de que modo alcançar o meu perdão. Porém lembrai-vos que desesperação era a minha n'esses tristes momentos. Persuadido por

vosso silencio que tinheis zombado de mim cedi á tentação de me certificar por mim mesmo da verdade. Quando a vossa commoção me provou quão injustas haviaõ sido minhas desconfianças, fiquei pezaroso do cruel successo do meu stratagemã, e tive a ponto de lançar-me a vossos pés para implorar este perdão de que sou tão pouco merecedor; mas, como parecies não ver meio algum de vos subtrahirles ao vosso casamento eia de summo interesse para mim que em vosso espirito ficasse profundamente gravada a lembrança de vossas antigas promessas, assim como a esperança de hum porvir que em me negava a crer impossivel.

Quanto ao resto dos meus providentes vaticinios, devios, não só aos olhos de lince de hum amante, se não também, accrescentou elle inclinando-se ante o rei que já com elles estava a humar leve conhecimento que tinha do character de sua magistade.

— Por melhor propheta que seja, disse o rei, não tinheis adivinhado a minha presença aqui e a minha mena; por que motivo eu devia vir.

— A bondade de vossa magestade excede tudo quanto me era dado prever.

— Ninguém mais do que eu é pro penso a por loar os erros á que pôde arristar a humana creatura de tão grande belleza, replicou o rei, pegando respeitosamente na mão de Maria e levando-a aos labios. Agora, accrescentou elle, occupemo nos das vobas; eu d'elles me encarego.

Pouco tempo depois, o duque e a duquesa partirão para Inglaterra, e Maria atravessou de novo o canal de Dover não mais como a triste noiva de hum rei, e sim a litosa esposa de hum vassalho.

COMMUNICADO

HUM RELOGIO A' POLLE

Estenda-se a mão esquerda em posição horizontal, com a palma voltada para o céu. Tome-se hum tira de papel, ponha-se esta em angulo recto na junctura entre os dedos pollex e index, que devem ficar elevados a cima da mão a distancia que ha desde esta junta até a extremidade do index. Volta-se depois a base do pollex para o sul conservando-se sempre a mão estendida até que a sombra do momento, que fica á linha do pollex, se termine na linha chamada — de vida; — isto praticado, a extremidade da sombra do papel indicará a hora, voltando-se o pulso para o sol, e tendo os dedos igualmente estendidos. A sombra que cae na extremidade do dedo index, aponta 5 horas da manhã, ou 7 da tarde; na extremidade do dedo do meio, 6 da manhã, ou da tarde; na extremidade do anular 7 da manhã, e 5 da tarde; na ponta do dedo minimo, 8 da manhã, e 4 da tarde; na articulação seguinte do pequeno dedo, 10 da manhã, e 2 da tarde; na base deste mesmo dedo, 11 da manhã, e 1 da tarde; finalmente, sobre a linha da mão, chamada, — linha de sorte de casamentos — linha feiticieira, ou linha da mesa, — e o mais que quizerem, — marca 12 horas, que he o mesmo que dizer-se hum dia. Advertencia.

Quem quizer ter hum relógio destes que fica descripto, sem que faça com elle, se quer hum ceito de despriza, affiança de que fique elle também em tudo sendo a polle, he indicaremos hum meio, o qual he este: Do braço, e mão esquerda, he elle fabricado, bem como de hum tira pequena tira de papel; o braço, e mão temo em casa (nisto mesmo ha excepção de regra.) si o papel será necessario encerra-lo; remedia-se este, suprimindo-o com hum palha! Mais facil, e mais em conta, não ha, nem he possivel que haja. Demais amais he relógio que está livre de quebrar-se, azangar-se, e nem de ser cobido pelos amigos de deitarem hum, e levantarem dous. Sê

tem hum defeito o qual he de não ser vir para a noite, e em aquelles dias que Deos não der sol! Esta experiencia de-ve-se á Mr. Julio de Fontenel, professor de chimica, secretario perpetuo da sociedade das sciencias physicas, e chemicas de França. — [H. Armond]

APÓLOGO.

Certo homem, que depois de longa ausencia, voltou ao seu paiz natal, contava a seus amigos, que em huma cidade, por onde viajára, vira huma especie de homens, que lhe parecêrão extraordinarios. Muitas, e repetidas vezes, dizia elle, conservão-se sentados de redor de huma mesa sem toalha, e sem comida, levando assim noites inteiras. Nada he capaz de os distrahir, e são surdos, e mudos. De tempos em tempos he, que se ouve salir dos seus labios alguns sons mal articulados, que todavia os obrigão a revolver os olhos de hum modo horrivel. Nunea me esquecerei das physionomias terriveis, que nelles observei em varias occasões, ora mostrando a desesperação, a raiva, ora huma alegria maligna mixturada de inquietação. « E o que fazião esses homens, ou antes esses desgraçados? Trabalhavam no bem publico? Perguntavam os circunstantes? — Não — Procurarião a pedra philosophal? — Nada — A quadratura do circulo? — Menos — Estarião fazendo penitencia dos seus peccados? — Muito menos — Isso era alguma companhia de loucos. — Não, Senhores, não erão loucos — Pois que fazião esses homens? — Jogavão, e tal era o seu modo de vida.



A mulher e o Astrónomo

Estando o Philosopho Tiales a contemplar os astros no meio de hum campo, cahio n'huma cova muito funda, e quebrou huma perna — E' bem feito, disse huma mulher que hia passando quer ler nos Ceos e nem ao menos vé o que está a seus pés.

Etymologia do mez de agosto

Este mez era o sexto entre os romanos, porisso lhe chamavão *sextilis*; mas depois, em honra de Augusto, primeiro imperador, lhe mudarão o nome, e lhe pozêrão o de *Augustus*. Macrobio, e Dion nos transmitirão o *plebiscito*, e o *senatus consultus* que estabelecerão a nova denominação, referindo-se aos principaes acontecimentos da vida daquelle imperador, a saber: o seu primeiro consulado, os seus triumphos, a conquista do Egypto, e a conclusão das guerras civis — Os romanos celebrãõ neste mez a festa dos escravos, para renovar a memoria de *Servius Tullus*, que nasceu neste mez, e era filho de hum homem reduzido a essa vil condicção. Tambem sacrificãõ no dito mez hum cão como anathema contra a raça canina, porque alguns individuos della, a quem haviam commettido a guarda do Capitolio, deixarão entrar o inimigo, sem dar hum só latido.

Neste mez, e na floresta Nemêa celebrãõ os gregos os jogos nemêos instituidos por Hercules.



Pensamentos.

— Com razão diz Voltaire que *tudo se pode soffrer, menos o desprizo*, pois é este o unico meio de anniquilar o homem sem privá-lo de existencia.

— N'um paiz arithmetico, em que tudo se compra á dinheiro, o pobre não pode competir com o rico em merecimento,

— A's vezes confunde-se a *veracacia* com o talento.

— Abandão no velho as *theses* e no moço as *hypotheses*.

(Por R. J. F. B)

*Hum credor irreconciliavel.*

Hum sujeito pôde á força de solicitações obter huma audiencia do rei, e lhe disse — Real sr. meu pai deixou-me hum eredor, a quem devia muito, e a quem jámais acabou de pagar. Continuei a pagar a divida: mas é tao exigente este credo., que todos os dias quer que lhe pague. Já não tenho com que; e se V. M. me não soccorre para o contentar, não sei mais o que faça. Com effeito [diz o Rei] he bem duro esse credor! Quem he elle? — Senhor, he a minha barriga a quem tanto tenho pago de dividas, que já não posso hum real — O Rei não pôde deixar de rir, e deu-lhe hum emprego pingue.

CHARADA

Na ordem minha a terceira, — 1
E de meus irmãos o quinto; — 1
Sem que seja grego, occupo }
Na Grecia logar distincto: } 1

O Athên me desconhece
Quando leito por Deos sou,
Pois a Deos desconhecendo
Nunca em mim acreditou.

Mas se Deos p'ra confundir-lo
De repente se mostrára,
O meu nome repetindo
Sua clemencia implorára.

*Enigma.*

Sum principium mundi, et finis
sæculorum: per me omnia facta
sunt, et sine me factum est
nihil: sum trinus, et unus, nec
tamen sum Deus.

Décifrações.

A charada do n. antecedente é
— pecego —: o enigma exprime a
letra — o —



O — Recreador Mineiro — publica-se nos dias 1.º e 15 de todos os mezes.

A redacção desta folha occupará hum volume de 13 paginas e 1/4, sendo alguns numeros acompanhados de nitidas estampas. O seu preço é de 6:000 rs. por anno, e 3:000 rs. por seis mezes nesta Cidade do Ouro-preto: e fóra della 7:000 reis annuaes, e 3:500 rs. por semestre, pagos adiantado, por isso que nesta quantia se inclue o porte do Correo. Cada numero avulso custará 400 rs., e 1:200 rs. levando estampas: as quaes todavia não augmentarão o preço d'assignatura. Subscreve-se na Typographia imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, a quem as pessoas de fóra, que desejarem subscriver, podem dirigir se por carta sobre semelhante objecto.

O. P. Typ. imparcial de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, rua da Giló n. 93